Carteira Mensal Capita

Novembro 2026

Powered by inter



inter

Trade HUB

A carteira

ATIVO	PESO
SABESP (SBSP3) | 10%	WEG (WEGE3) | 10%
TAESA (TAEE11) |10%	BRADESCO (BBDC4) | 10%
CEMIG (CMIG4) | 10%	BTG PACTUAL (BPAC11) | 10%
VALE (VALE3) | 10%	META (M1TA34) | 10%
USIMINAS (USIM5) | 10%	ALPHABET (GOGL34) | 10 %

Performance

CARTEIRA CAPITA	IBOV
Maio/26 : -3,09%	- 7,22%
Junho/26: -1,85%	-1,01%
Julho/26: -0,42%	3,47%
Agosto/26: -1,45%	-0,33%
Setembro/26: +4,61%	+5,03%
Outubro/26: -13,22%	-9,98%

O Mercado em Outubro

O mês de outubro de 2026 foi marcado por um dos períodos de maior volatilidade e precificação de ativos da história recente do mercado financeiro brasileiro. A combinação de incertezas políticas, mudanças nas expectativas fiscais, perspectivas de manutenção de juros elevados e tensões geopolíticas internacionais provocou movimentos expressivos nos mercados de renda variável, câmbio e juros futuros. No Brasil, o calendário eleitoral assumiu protagonismo e estabeleceu duas fases distintas para o comportamento dos investidores: inicialmente, um movimento de valorização dos ativos domésticos, sustentado pela expectativa de alternância de poder e possível reorientação da política fiscal; posteriormente, uma reversão acentuada desse otimismo, após a confirmação do resultado do segundo turno das eleições presidenciais.

O primeiro turno, realizado em 4 de outubro, trouxe um resultado que surpreendeu parte relevante dos participantes do mercado. O candidato Flávio Bolsonaro encerrou a votação à frente do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com 47,03% dos votos válidos, contra 45,16%, respectivamente. A reação dos investidores foi imediata. Na sessão de 5 de outubro, o Ibovespa apresentou forte valorização e ultrapassou a região dos 209 mil pontos, renovando máximas históricas. O desempenho refletiu a antecipação de um possível cenário de maior disciplina fiscal, controle das despesas públicas e melhora das condições de financiamento da economia brasileira. A perspectiva de uma eventual reorientação da política econômica favoreceu a redução dos prêmios de risco e estimulou a procura por companhias mais sensíveis às taxas de juros, especialmente dos segmentos financeiro, imobiliário, de consumo e de infraestrutura.

Entretanto, o cenário sofreu uma mudança significativa após o segundo turno, realizado em 25 de outubro, quando Luiz Inácio Lula da Silva foi reeleito presidente da República, assegurando seu quarto mandato presidencial. O resultado contrariou o cenário de alternância política que vinha sendo incorporado aos preços dos ativos e desencadeou uma expressiva revisão das expectativas econômicas. A reação do mercado não deve ser interpretada exclusivamente sob uma perspectiva político-partidária, mas principalmente como reflexo das incertezas relacionadas à trajetória das contas públicas, à sustentabilidade da dívida, à condução da política fiscal e à composição da equipe econômica para o próximo mandato. Na ausência de sinalizações concretas sobre mecanismos de controle das despesas, cumprimento das metas fiscais e estabilização da dívida pública, os investidores passaram a exigir prêmios de risco mais elevados para manter exposição aos ativos brasileiros.

A sessão de 26 de outubro evidenciou a magnitude dessa mudança de expectativas. O Ibovespa registrou queda de 13,88%, acompanhada do acionamento do mecanismo de circuit breaker, enquanto o dólar comercial apresentou valorização de 8,21%, encerrando o pregão próximo de R$ 5,40. Paralelamente, a abertura expressiva da curva de juros futuros sinalizou a percepção de um ambiente mais desafiador para a inflação, para o custo de financiamento do governo e para a atividade econômica. O movimento atingiu principalmente as companhias dependentes do consumo doméstico, do crédito e de taxas de desconto menores, uma vez que juros estruturalmente mais elevados pressionam o custo de capital, dificultam a expansão dos investimentos e reduzem o valor presente dos fluxos de caixa projetados. Nesse contexto, o equilíbrio das contas públicas voltou a ocupar posição central na avaliação dos investidores, não apenas pelos seus efeitos sobre a dívida soberana, mas também por suas implicações para o câmbio, a política monetária e a capacidade de crescimento das empresas brasileiras.
Ao final do mês, o Ibovespa acumulou desvalorização de 9,88%, encerrando outubro aos 167.921,80 pontos, no pior desempenho mensal desde junho de 2022. O dólar, em contrapartida, registrou valorização próxima de 5,2% no período, encerrando as negociações ao redor de R$ 5,44. Esses movimentos demonstram a intensidade da reprecificação do risco Brasil e a importância da diversificação cambial e setorial em períodos de elevada instabilidade.

No cenário internacional, a política monetária norte-americana permaneceu como um dos principais direcionadores do fluxo de capitais. O relatório de emprego dos Estados Unidos (payroll), divulgado em 2 de outubro, apontou a criação de apenas 29 mil postos de trabalho em setembro, enquanto a taxa de desemprego alcançou 4,2%. Os números evidenciaram uma moderação no ritmo de contratação, embora ainda inserida em uma economia com atividade relativamente resiliente. Em 28 de outubro, o Federal Reserve optou pela manutenção da taxa básica de juros no intervalo de 3,75% a 4,00% ao ano, destacando a persistência das pressões inflacionárias e a necessidade de acompanhar os próximos indicadores antes de promover novos ajustes monetários. Essa combinação de inflação ainda elevada, mercado de trabalho em desaceleração e juros restritivos ampliou as incertezas sobre a trajetória da economia norte-americana e sobre o direcionamento dos fluxos internacionais para mercados emergentes.

Adicionalmente, as tensões geopolíticas envolvendo os Estados Unidos e o Oriente Médio, particularmente os desdobramentos do conflito com o Irã e os riscos associados à oferta internacional de energia, mantiveram o mercado de petróleo sob elevada volatilidade. As oscilações da commodity refletiram preocupações quanto à segurança das rotas de abastecimento, à continuidade da produção e aos possíveis impactos de uma escalada do conflito sobre os preços globais de energia. Esse ambiente acrescentou uma camada de complexidade às perspectivas inflacionárias internacionais, especialmente para economias importadoras de petróleo, e reforçou a cautela dos bancos centrais em relação ao processo de flexibilização monetária. Para o Brasil, os movimentos do petróleo também trouxeram implicações distintas entre os setores: enquanto companhias produtoras podem se beneficiar de preços mais elevados, empresas intensivas em energia e atividades dependentes de transporte enfrentam potenciais pressões adicionais de custos.

Em síntese, outubro reforçou a relevância de uma leitura integrada entre política, fundamentos macroeconômicos e comportamento dos mercados. A rápida alternância entre expectativas favoráveis e um movimento expressivo de aversão ao risco demonstrou que a valorização dos ativos deve estar amparada por fundamentos econômicos consistentes, sobretudo em um ambiente no qual a política fiscal exerce influência determinante sobre os juros, o câmbio e as decisões de investimento.

A Carteira

O desempenho da Carteira Mensal Capita em outubro foi impactado diretamente pela deterioração do ambiente doméstico e pela forte correção dos ativos de renda variável após o segundo turno das eleições. A carteira encerrou o período com desvalorização de 13,22%, frente à queda de 9,88% do Ibovespa, representando um desempenho inferior ao índice de referência em 3,34 pontos percentuais.

Entretanto, o cenário sofreu uma mudança significativa após o segundo turno, realizado em 25 de outubro, quando Luiz Inácio Lula da Silva foi reeleito presidente da República, assegurando seu quarto mandato presidencial. O resultado contrariou o cenário de alternância política que vinha sendo incorporado aos preços dos ativos e desencadeou uma expressiva revisão das expectativas econômicas. A reação do mercado não deve ser interpretada exclusivamente sob uma perspectiva político-partidária, mas principalmente como reflexo das incertezas relacionadas à trajetória das contas públicas, à sustentabilidade da dívida, à condução da política fiscal e à composição da equipe econômica para o próximo mandato. Na ausência de sinalizações concretas sobre mecanismos de controle das despesas, cumprimento das metas fiscais e estabilização da dívida pública, os investidores passaram a exigir prêmios de risco mais elevados para manter exposição aos ativos brasileiros. A diferença de desempenho reflete a maior sensibilidade da composição da carteira ao processo de precificação dos ativos brasileiros, em especial diante da abertura da curva de juros e da redução da exposição dos investidores aos segmentos dependentes da economia doméstica. O resultado evidencia a necessidade de reavaliar a distribuição dos recursos entre setores, buscando maior equilíbrio entre potencial de valorização, resiliência operacional e proteção diante de cenários adversos. Embora a magnitude da correção tenha sido expressiva, é importante reconhecer que movimentos dessa natureza podem produzir distorções relevantes nos preços dos ativos, exigindo uma análise criteriosa dos fundamentos das companhias, sem que decisões de alocação sejam determinadas exclusivamente pelas oscilações de curto prazo. Dessa forma, o resultado de outubro serve como referência para o reposicionamento estratégico da Carteira Mensal Capita em novembro, com maior atenção à preservação patrimonial, à diversificação de riscos e à seletividade na escolha das empresas que integrarão o portfólio.

Para novembro de 2026, adotaremos uma postura mais defensiva na composição da Carteira Mensal Capita, priorizando companhias com fundamentos sólidos, maior previsibilidade de receitas, geração consistente de caixa e menor vulnerabilidade às oscilações da atividade econômica doméstica. A decisão está fundamentada na deterioração das expectativas fiscais, no aumento dos prêmios de risco e na possibilidade de manutenção das taxas de juros em patamares elevados por um período mais prolongado. Nesse ambiente, consideramos prudente reduzir a sensibilidade do portfólio aos segmentos mais dependentes da expansão do crédito e da recuperação do consumo, direcionando parte relevante da alocação para empresas com maior capacidade de preservação de resultados diante de condições macroeconômicas adversas.

Um dos principais acontecimentos do início de novembro será a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), nos dias 3 e 4, responsável pela definição da nova taxa básica de juros brasileira. Atualmente em 13,75% ao ano, a Selic encontra-se no centro das discussões sobre os próximos passos da política monetária. Após a precificação dos riscos domésticos, a expectativa predominante passou a ser de manutenção dos juros, embora parte dos participantes ainda considere possível uma redução de 0,25 ponto percentual. Independentemente da decisão, a comunicação do Banco Central será determinante para avaliar os riscos inflacionários, o comportamento das expectativas e as condições necessárias para a continuidade de um eventual processo de flexibilização monetária.

Nossa estratégia estará concentrada em quatro frentes principais. Inicialmente, ampliaremos a participação de companhias do segmento de utilities, especialmente aquelas ligadas aos setores de energia elétrica e saneamento, cujas características de demanda relativamente estável, receitas recorrentes e, em determinados casos, mecanismos regulatórios de reajuste oferecem maior previsibilidade operacional. Paralelamente, buscaremos oportunidades em empresas exportadoras e companhias com exposição relevante a receitas internacionais, capazes de proporcionar diversificação cambial e eventual benefício diante de um real depreciado, respeitando os riscos específicos de cada negócio. No setor financeiro, priorizaremos instituições com balanços robustos, adequada capitalização, qualidade na carteira de crédito e capacidade de geração de resultados mesmo diante de condições monetárias restritivas. Por fim, ampliaremos a participação internacional por meio de BDRs, buscando reduzir a concentração dos investimentos na economia brasileira e proporcionar exposição a companhias globais com fundamentos consistentes, diversificação geográfica e receitas denominadas em moedas estrangeiras A estratégia também considera a permanência de riscos externos relevantes. Nos Estados Unidos, seguiremos acompanhando os indicadores de emprego, inflação e atividade econômica, especialmente diante da postura cautelosa do Federal Reserve. No campo geopolítico, o comportamento do petróleo continuará exigindo atenção. A commodity encerrou outubro com valorização expressiva, sendo que o Brent avançou aproximadamente 13,6% no mês, em meio às tensões envolvendo o Irã e aos riscos de interrupção do abastecimento internacional. A manutenção dessas pressões pode dificultar a convergência da inflação para as metas dos bancos centrais e contribuir para um ambiente global de juros elevados por mais tempo. No Brasil, o principal fator de acompanhamento continuará sendo a sinalização da política econômica para o próximo mandato presidencial. A definição da equipe econômica, a apresentação de medidas relacionadas ao equilíbrio fiscal e a capacidade de construção de expectativas mais favoráveis para a dívida pública serão determinantes para uma eventual recuperação da confiança dos investidores. Entendemos que a melhora sustentável dos ativos brasileiros dependerá menos de movimentos pontuais de mercado e mais da construção de condições que permitam reduzir os prêmios de risco, estabilizar as expectativas inflacionárias e criar espaço para juros estruturalmente menores. Diante desse conjunto de fatores, a Carteira Mensal Capita de novembro será estruturada com maior seletividade e diversificação, privilegiando a qualidade dos ativos e a consistência dos fundamentos corporativos. Nosso objetivo é construir um portfólio mais resiliente, equilibrando oportunidades de valorização com uma exposição mais criteriosa aos riscos domésticos e internacionais. A postura defensiva não representa ausência de oportunidades, mas uma adequação estratégica à dinâmica atual dos mercados, mantendo a flexibilidade necessária para revisar posições conforme a evolução dos indicadores econômicos e das condições de negociação.

SABESP (SBSP3)

Aumentamos nossa exposição à Sabesp (SBSP3) na Carteira Mensal Capita de novembro, sustentados pela natureza defensiva do setor de saneamento básico, pela previsibilidade de suas receitas e pelo potencial de valorização decorrente do processo de transformação operacional iniciado após a privatização. A companhia, que atende aproximadamente 31 milhões de pessoas no estado de São Paulo, permanece posicionada para capturar ganhos de eficiência, ampliar sua rentabilidade e acelerar os investimentos destinados à universalização dos serviços. Apesar desses fundamentos, suas ações sofreram forte correção em outubro, encerrando o mês cotadas a R$ 24,70, aproximadamente 30% abaixo da máxima registrada nos últimos 12 meses. Esse movimento ampliou o potencial de valorização em relação ao preço-alvo médio de R$ 34,26 projetado pelo consenso de analistas, equivalente a um *upside* estimado de 38,7%, embora a convergência para esse patamar dependa da execução operacional e das condições de mercado.

Em termos de avaliação, a Sabesp negocia próxima de 7,9 vezes seu EV/EBITDA, múltiplo inferior ao observado na Copasa, ao redor de 8,9 vezes, mas superior ao da Sanepar, próximo de 4,2 vezes, indicando uma avaliação relativamente atrativa frente à primeira, sem caracterizar desconto uniforme em relação aos pares. O resultado do segundo trimestre de 2026 trouxe desafios relevantes, com EBITDA ajustado de R$ 3,5 bilhões, retração de 3,2% na comparação anual, e lucro líquido ajustado de R$ 1,15 bilhão, queda de 41,2%, pressionados pelo aumento dos custos operacionais e das despesas financeiras. Para o terceiro trimestre, cuja divulgação está prevista para 5 de novembro, esperamos maior visibilidade sobre a evolução das margens, a disciplina na gestão de despesas, o ritmo dos investimentos e a capacidade de captura das sinergias operacionais. Embora o ambiente de juros elevados represente um desafio para o financiamento dos investimentos, entendemos que a recente desvalorização das ações oferece uma relação entre risco e retorno mais favorável para investidores com horizonte de médio e longo prazo, justificando sua permanência na carteira como uma exposição estratégica ao segmento de utilities.

Ponto importante: o desconto de aproximadamente 30% refere-se à máxima histórica recente da ação, não a um desconto fundamentalista comprovado. A comparação com Copasa e Sanepar deve ser interpretada considerando as diferenças de rentabilidade, endividamento, regulação e perspectivas de crescimento. O potencial de 38,7% é uma estimativa de consenso.



TAESA (TAEE11)

A Taesa segue como uma pagadora tradicional de dividendos e JCP (Juros sobre o Capital Próprio), atraindo quem busca renda passiva.

No entanto, a taxa interna de retorno (TIR) real atual ronda cerca de 6,2% a 8%, o que faz parte do debate sobre se o papel está caro ou justo frente a alternativas de renda fixa. A empresa lida com um nível de endividamento e indexação à inflação que exigem atenção na gestão do caixa, especialmente ao equilibrar novos investimentos (*Capex)* e o pagamento de proventos elevados

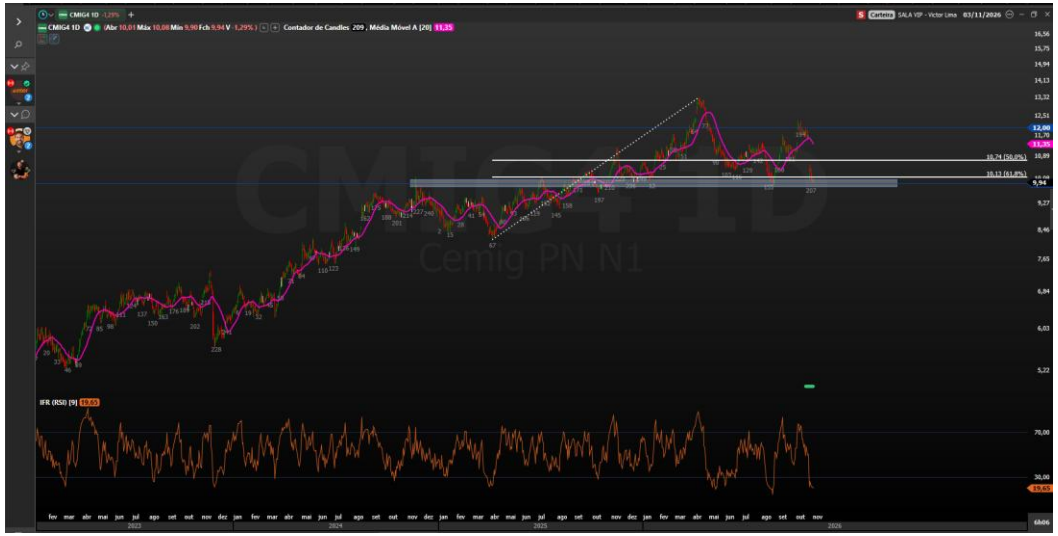


CEMIG (CMIG4)

Abrimos uma nova posição em Cemig (CMIG4) na Carteira Mensal Capita de novembro, fundamentados na resiliência do setor elétrico, na previsibilidade das receitas reguladas e na atratividade dos múltiplos de negociação da companhia, especialmente após a expressiva correção observada em outubro. As ações preferenciais encerraram o mês cotadas a R$ 10,07, acumulando desvalorização de aproximadamente 9,8% no período e negociando cerca de 27% abaixo da máxima registrada nos últimos 12 meses. Esse movimento ampliou a assimetria potencial entre preço e valor fundamentalista, considerando que a companhia apresenta uma relação preço/lucro (P/L) próxima de 6,3 vezes e preço/valor patrimonial (P/VP) de aproximadamente 0,99 vez, indicadores inferiores aos observados em importantes companhias do setor, como CPFL Energia (CPFE3), negociada a 8,0 vezes o lucro e 2,13 vezes o patrimônio, e Copel (CPLE3), com múltiplos próximos de 13,6 vezes o lucro e 1,76 vez o patrimônio.

Embora essas diferenças também reflitam particularidades de governança, rentabilidade e perspectivas de crescimento, entendemos que o desconto relativo da Cemig merece destaque, especialmente diante de sua capacidade de geração de caixa e do histórico de remuneração aos acionistas, com dividend yield acumulado de aproximadamente 11,3% nos últimos 12 meses, indicador retrospectivo que não representa garantia de distribuições futuras. Considerando o preço-alvo médio de R$ 12,75 projetado pelo consenso de analistas para os próximos 12 meses, identificamos um potencial de valorização próximo de 26,6%, desconsiderando eventuais proventos, o que reforça a atratividade da companhia nos atuais níveis de negociação. No aspecto operacional, os resultados do segundo trimestre de 2026 demonstraram evolução do EBITDA ajustado, que alcançou R$ 2,47 bilhões, crescimento de 9,3% na comparação anual, enquanto o lucro líquido somou aproximadamente R$ 945 milhões, retração de 20,4%, pressionado principalmente pelo aumento das despesas financeiras. A companhia também permanece comprometida com um importante ciclo de investimentos, estimado em R$ 43,7 bilhões entre 2026 e 2030, direcionado sobretudo à modernização, expansão e melhoria da qualidade da rede de distribuição em Minas Gerais, iniciativa que poderá ampliar sua eficiência e fortalecer a base de ativos regulatórios no longo prazo. Para o terceiro trimestre de 2026, cuja divulgação está prevista para 12 de novembro, após o fechamento do mercado, esperamos acompanhar a continuidade dos ganhos de eficiência, a evolução das margens operacionais, o desempenho dos segmentos de distribuição, geração e transmissão, além da trajetória do endividamento e dos custos financeiros.

A elevação da alavancagem, o volume expressivo de investimentos e as discussões relacionadas à estrutura de controle da companhia e às concessões permanecem como fatores de atenção, especialmente em um cenário de juros elevados e maior percepção de risco fiscal. Ainda assim, avaliamos que a combinação de valuation descontado em relação a importantes pares, receitas predominantemente reguladas, perspectiva de investimentos estruturantes e potencial de valorização fundamenta a manutenção de Cemig na carteira, contribuindo para nosso posicionamento mais defensivo e seletivo em novembro.

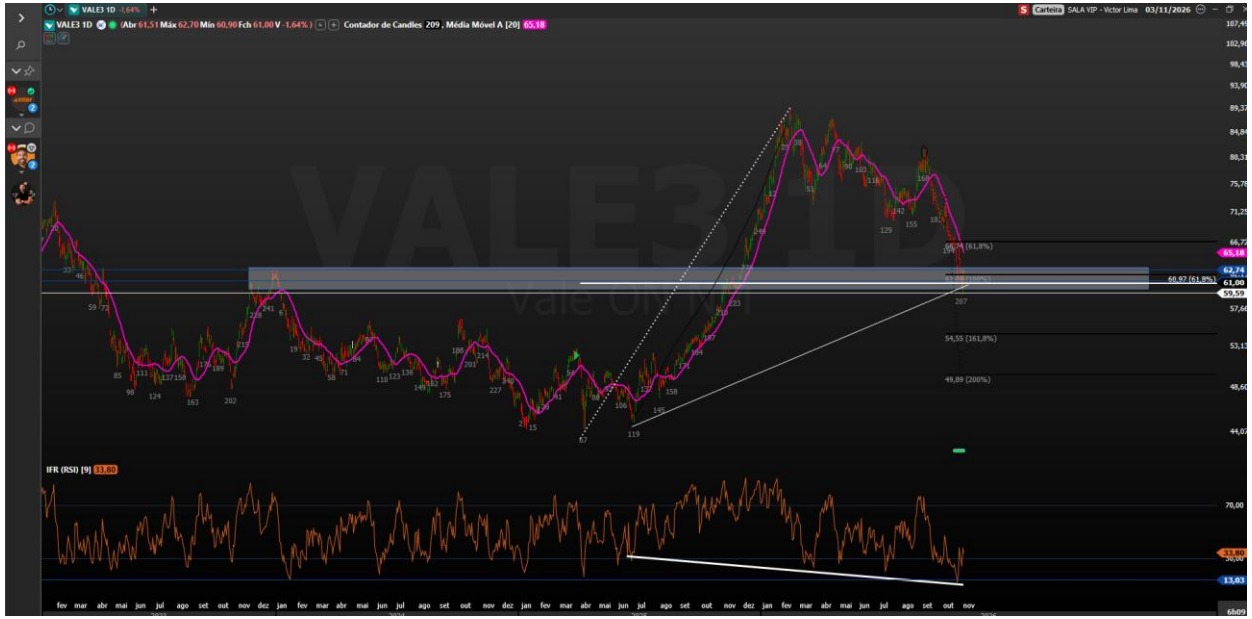


VALE (VALE3)

Optamos pela ampliação da exposição à Vale (VALE3) na Carteira Mensal Capita de novembro, fundamentados na combinação de preços mais atrativos após a recente correção, diversificação cambial e potencial de valorização de uma das principais companhias globais de mineração. As ações encerraram outubro cotadas a R$ 62,02, acumulando desvalorização de aproximadamente 11,8% no mês, movimento que ampliou a atratividade de seus múltiplos e proporcionou uma oportunidade de aumento de posição com horizonte de médio e longo prazo. A companhia apresenta características relevantes para a atual composição do portfólio, sobretudo pela expressiva participação de receitas denominadas em dólares, que pode contribuir para a diversificação diante da deterioração das expectativas fiscais brasileiras e da maior volatilidade cambial. Sob a ótica fundamentalista, a Vale negocia a aproximadamente 5,9 vezes seu EV/EBITDA projetado para 2027, representando um desconto próximo de 10% em relação aos seus pares internacionais, segundo estimativas da XP Investimentos, embora esse diferencial também reflita os riscos operacionais, as perspectivas de crescimento e a exposição ao mercado chinês.

Considerando o preço-alvo de R$ 90,00 estabelecido pelo BTG Pactual, identificamos um potencial de valorização de aproximadamente 45,1% em relação ao fechamento de outubro, enquanto a Genial Investimentos apresenta uma avaliação mais conservadora, com preço-alvo de R$ 78,50, equivalente a um upside próximo de 26,6%. O resultado do terceiro trimestre de 2026, divulgado em 29 de outubro, demonstrou um ambiente operacional desafiador no segmento de minério de ferro, com EBITDA proforma consolidado de US$ 3,5 bilhões, retração de aproximadamente 20% na comparação anual, pressionado pela redução dos preços realizados, pelos custos logísticos e pelas condições operacionais. O preço médio realizado do minério de ferro atingiu US$ 85,10 por tonelada, queda de 10% tanto na comparação trimestral quanto anual. Por outro lado, o segmento de cobre apresentou desempenho expressivo, com EBITDA proforma próximo de US$ 1 bilhão, crescimento de 66% em relação ao terceiro trimestre de 2025, evidenciando a importância crescente da diversificação do portfólio mineral e da exposição a metais associados à eletrificação e à expansão da infraestrutura energética global. A companhia também apresentou fluxo de caixa livre recorrente de aproximadamente US$ 1,37 bilhão e reafirmou suas projeções de produção para 2026, demonstrando capacidade de geração de caixa mesmo diante de condições menos favoráveis para o minério de ferro. Em comparação com grandes mineradoras internacionais, como BHP e Rio Tinto, a Vale apresenta uma avaliação relativamente descontada, embora permaneça mais concentrada no minério de ferro e, consequentemente, mais sensível à demanda chinesa, ao comportamento da indústria siderúrgica e à expansão da oferta global.

Para novembro, entendemos que a ampliação da exposição oferece uma oportunidade de capturar eventual recuperação das commodities e dos preços dos ativos, preservando uma parcela relevante do portfólio vinculada à geração de receita. internacionais. Reconhecemos, contudo, que a Vale possui natureza cíclica e não apresenta o mesmo grau de previsibilidade operacional das companhias de utilities. Dessa forma, sua maior participação na carteira deverá ser acompanhada de uma gestão criteriosa de risco, buscando equilibrar o potencial de valorização, a diversificação cambial e a exposição às condições da economia global.



Indicadores que sustentam a ampliação

Fechamento em 30/10	Desempenho em outubro
R$ 62,02	-11,8%
EV/EBITDA 2027E	Desconto frente aos pares
5,9x	~10%

Potencial de valorização por instituição

Genial Investimentos	R$ 78,50	+26,6%
XP Investimentos	R$ 83,00	+33,8%
BTG Pactual	R$ 90,00	+45,1%

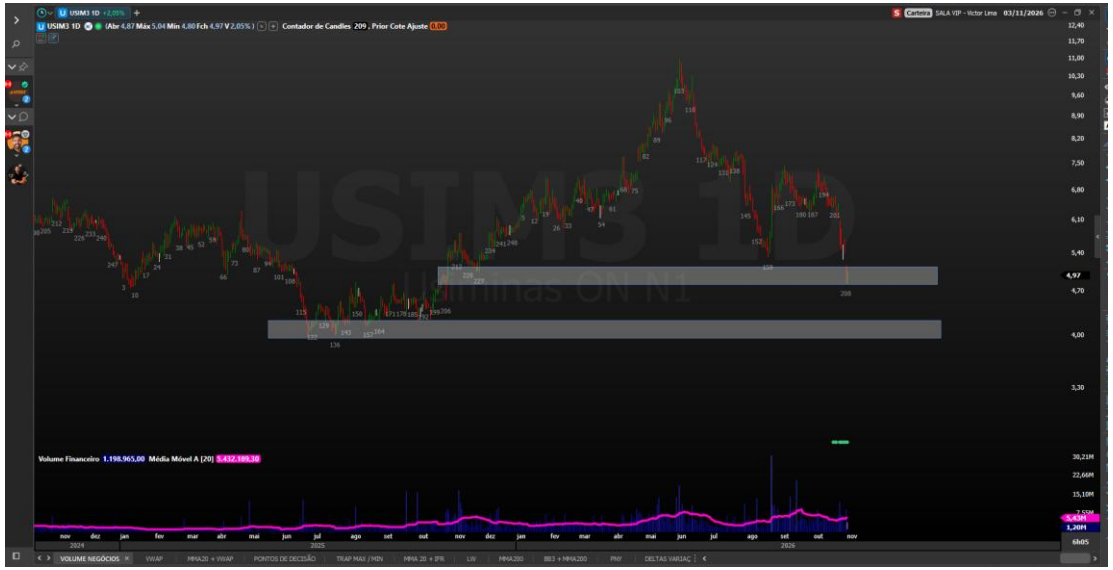
Potenciais calculados sobre R$ 62,02, sem dividendos. As instituições utilizam premissas e horizontes de avaliação próprios.

USIMINAS (USIM5)

Optamos pelo aumento da exposição à Usiminas (USIM5) na Carteira Mensal Capita de novembro, buscando aproveitar a expressiva desvalorização recente de suas ações e a possibilidade de recuperação gradual dos resultados operacionais, embora reconheçamos a natureza cíclica do setor siderúrgico e os desafios ainda presentes no mercado brasileiro de aço. Após uma queda de aproximadamente 28,7% em outubro, as ações encerraram o mês cotadas a R$ 5,00, acumulando um recuo próximo de 59% em relação à máxima dos últimos 12 meses. Sob a ótica fundamentalista, a companhia negocia a aproximadamente 0,30 vez seu valor patrimonial, indicador que evidencia um desconto contábil expressivo, mas cuja atratividade depende da capacidade de recuperação da rentabilidade e de geração sustentável de caixa.

Considerando o preço-alvo de R$ 7,00 estabelecido pela Genial Investimentos, identificamos um potencial de valorização de 40% em relação ao fechamento de outubro, enquanto a referência de R$ 10,00 apresentada pelo BTG Pactual representa um potencial teórico de 100%, embora acompanhado de recomendação neutra e de riscos relevantes para a materialização desse cenário. O resultado do terceiro trimestre de 2026, divulgado em 30 de outubro, apresentou receita líquida consolidada de R$ 6,2 bilhões, retração de 6% na comparação anual, EBITDA ajustado de R$ 558 milhões, crescimento de 29% em relação ao mesmo período de 2025, porém queda de 27% frente ao trimestre anterior, e lucro líquido de R$ 243 milhões, revertendo o prejuízo de R$ 3,5 bilhões registrado um ano antes. Apesar da recuperação anual, os indicadores ficaram abaixo das expectativas do mercado, com compressão da margem EBITDA ajustada para 9%, ante 12,4% no segundo trimestre. O volume comercializado de aço alcançou 1,034 milhão de toneladas, crescimento de aproximadamente 5% na comparação trimestral, sustentado especialmente pela demanda dos segmentos automotivo e de distribuição, enquanto a mineração apresentou desempenho mais fraco, pressionada pela redução das vendas, pelos menores preços realizados e pelo aumento dos custos logísticos.

Em comparação com Gerdau (GGBR4) e CSN (CSNA3), a Usiminas apresenta uma tese de recuperação mais concentrada no mercado doméstico de aços planos, com maior sensibilidade à concorrência dos produtos importados e às condições de demanda da indústria brasileira. Por outro lado, sua posição de caixa líquido de aproximadamente R$ 471 milhões ao encerramento do terceiro trimestre representa um diferencial financeiro relevante diante de um ambiente de juros elevados. Para os próximos meses, acompanharemos especialmente a evolução dos preços domésticos do aço, o comportamento dos custos de matérias-primas, as medidas de defesa comercial contra importações e a capacidade de recomposição das margens operacionais. A administração já sinalizou um cenário mais desafiador para o quarto trimestre, o que exige cautela em relação ao ritmo dessa recuperação. Ainda assim, entendemos que a intensidade da correção recente, associada ao desconto patrimonial, à preservação de uma estrutura financeira relativamente sólida e à possibilidade de normalização gradual da rentabilidade, justifica um aumento seletivo de posição em USIM5, buscando capturar uma eventual reprecificação dos ativos sem comprometer o posicionamento predominantemente defensivo da carteira. Consideração estratégica: USIM5 é uma posição de recuperação cíclica, não uma proteção defensiva. O aumento pode fazer sentido pelo desconto patrimonial e pela assimetria potencial, mas merece peso controlado. Diferentemente de Vale, a Usiminas possui maior exposição à demanda doméstica de aço e não constitui uma proteção cambial tão direta. A divulgação do 3T26 abaixo das expectativas recomenda atenção à recuperação das margens antes de ampliações adicionais.



Indicadores de referência | USIM5

Fechamento em 30/10	Variação em outubro
R$ 5,00	-28,7%
P/VP aproximado	Caixa líquido no 3T26
0,30x	R$ 471 mi

Referências de preço-alvo

Instituição	Preço-alvo	Upside
Genial	R$ 7,00	+40%
BTG Pactual	R$ 10,00	+100%

Potenciais calculados sobre R$ 5,00. As duas instituições mantêm recomendação neutra; o preço-alvo mais elevado não deve ser interpretado como garantia de recuperação.

WEG (WEG3)

Iniciamos uma nova exposição à WEG (WEGE3) na Carteira Mensal Capita de novembro, fundamentados na solidez financeira da companhia, na diversificação geográfica de suas operações e nas perspectivas estruturais de crescimento relacionadas à eletrificação, à eficiência energética, à automação industrial e à expansão da infraestrutura elétrica global. Reconhecida pela elevada qualidade de seus ativos, pela capacidade de inovação e pela consistente geração de resultados, a WEG representa uma oportunidade de incorporar ao portfólio uma companhia brasileira com presença internacional relevante, menor dependência exclusiva da atividade econômica doméstica e exposição a tendências de investimento de longo prazo. Após encerrar outubro cotada a R$ 48,36, aproximadamente 11,3% abaixo da máxima dos últimos 12 meses, identificamos uma oportunidade de entrada em níveis mais favoráveis, embora a companhia continue negociando com múltiplos superiores aos de seus principais pares internacionais. Atualmente, suas ações apresentam relação preço/lucro próxima de 32,4 vezes e EV/EBITDA ao redor de 22 a 24 vezes, enquanto um grupo comparável de fabricantes globais de equipamentos industriais e elétricos negocia com múltiplos medianos próximos de 26,4 vezes lucro e 18,7 vezes EV/EBITDA. Esse prêmio de avaliação reflete, em parte, a elevada rentabilidade, a qualidade da execução operacional e o histórico de crescimento da WEG, mas também exige continuidade da expansão dos resultados para justificar seus preços. Considerando o preço-alvo médio de R$ 58,68 projetado pelo consenso de analistas, identificamos um potencial de valorização de aproximadamente 21,3% em relação ao fechamento de outubro, enquanto a avaliação de R$ 65,00 apresentada pelo BTG Pactual sugere um upside próximo de 34,4%, desconsiderando eventuais proventos.

O resultado do terceiro trimestre de 2026, divulgado em 21 de outubro, apresentou receita operacional líquida de R$ 10,86 bilhões, crescimento de 5,7% na comparação anual, EBITDA de R$ 2,35 bilhões, avanço de 3,1%, e lucro líquido de aproximadamente R$ 1,67 bilhão, crescimento de 0,9%. Embora os resultados tenham demonstrado resiliência operacional, ficaram ligeiramente abaixo das expectativas do mercado, especialmente em razão das pressões sobre custos de matérias-primas, despesas operacionais e tarifas comerciais nos Estados Unidos. A margem EBITDA alcançou 21,6%, redução de 0,6 ponto percentual em relação ao mesmo trimestre de 2025, enquanto o retorno sobre o capital investido (ROIC) atingiu expressivos 33,2%, evidenciando a eficiência na utilização dos recursos e a capacidade de geração de valor. A companhia também permanece comprometida com investimentos na expansão de sua capacidade produtiva e no fortalecimento de suas operações internacionais, incluindo iniciativas voltadas aos segmentos de transmissão e distribuição de energia, equipamentos industriais e soluções de infraestrutura elétrica.

Em comparação com companhias globais como Schneider Electric, Eaton e ABB, a WEG apresenta uma combinação competitiva de rentabilidade, diversificação de produtos e oportunidades de crescimento em mercados emergentes e desenvolvidos, embora sua avaliação de mercado ainda incorpore expectativas exigentes de expansão dos lucros. Para novembro, entendemos que a abertura de posição em WEGE3 contribui para o equilíbrio estratégico da carteira, permitindo exposição a uma companhia de elevada qualidade operacional, receitas internacionais e perspectivas estruturais favoráveis, sem concentrar excessivamente os investimentos em negócios dependentes do ciclo econômico brasileiro. Nossa expectativa permanece construtiva para o médio e longo prazo, sustentada pela expansão global dos investimentos em infraestrutura elétrica, automação e eficiência energética, mas acompanhada de disciplina na alocação, considerando os riscos associados ao valuation, às margens operacionais e ao comportamento da demanda internacional. A WEG acrescenta ao portfólio uma exposição estratégica à eletrificação global, complementando o caráter defensivo das utilities e a exposição às commodities proporcionada por Vale e Usiminas.



Indicadores de referência | WEGE3

Fechamento em 30/10	Distância da máxima anual
R$ 48,36	-11,3%
P/L últimos 12 meses	ROIC 3T26
32,4x	33,2%

Potencial de valorização

Referência	Preço-alvo	Upside
Consenso de analistas	R$ 58,68	+21,3%
BTG Pactual	R$ 65,00	+34,4%

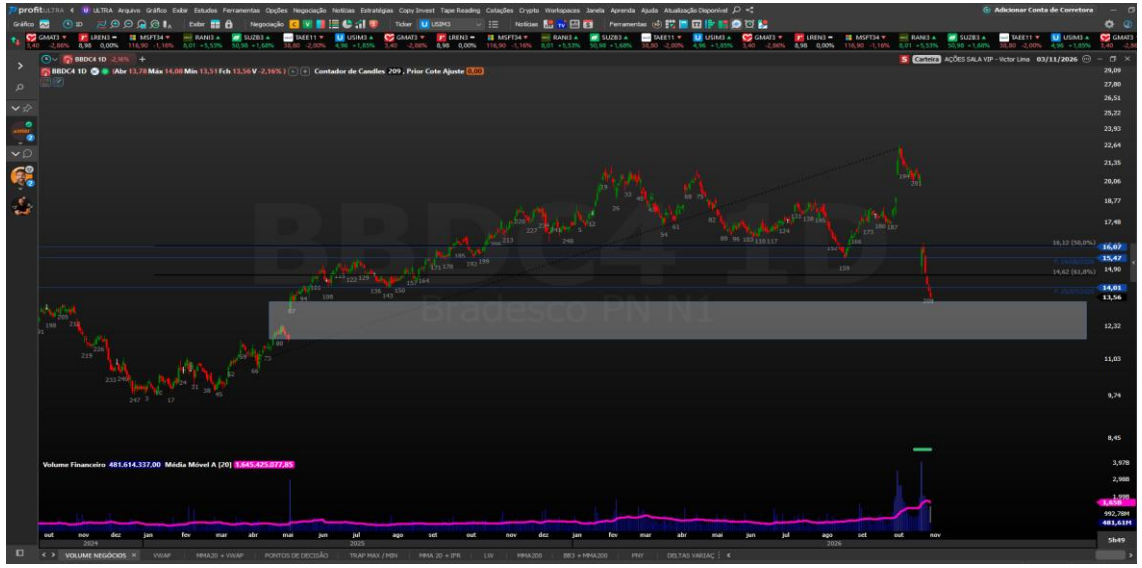
Potenciais calculados sobre o fechamento de R$ 48,36, sem considerar proventos.

BRADESCO (BBDC4)

Optamos pelo aumento da exposição ao Bradesco (BBDC4) na Carteira Mensal Capita de novembro, fundamentados na recuperação gradual de sua rentabilidade, nos avanços do processo de transformação operacional e, principalmente, na expressiva correção das ações, que ampliou a atratividade dos preços em relação ao patrimônio e ao potencial de geração futura de resultados. O banco encerrou outubro com suas ações preferenciais cotadas a R$ 13,86, acumulando desvalorização de aproximadamente 25,1% no mês e negociando cerca de 39,7% abaixo da máxima dos últimos 12 meses. Sob a ótica fundamentalista, o Bradesco apresenta relação preço/lucro próxima de 5,6 vezes e preço/valor patrimonial de aproximadamente 0,75 vez, representando um desconto relevante em comparação com o Itaú Unibanco (ITUB4), negociado a aproximadamente 9,1 vezes seu lucro e 1,96 vez seu patrimônio, embora parte dessa diferença seja justificada pela maior rentabilidade apresentada pelo concorrente. Em relação ao Santander Brasil (SANB11), o Bradesco também apresenta um múltiplo preço/lucro inferior, próximo de 5,6 vezes contra 6,8 vezes, enquanto o Banco do Brasil (BBAS3) negocia com desconto patrimonial ainda mais acentuado, reflexo de riscos e perspectivas específicas de sua operação. Considerando o preço-alvo de R$ 20,00 estabelecido pelo BTG Pactual, identificamos um potencial de valorização de aproximadamente 44,3% em relação ao fechamento de outubro, enquanto a projeção mais conservadora de R$ 18,00 do JPMorgan aponta para um upside próximo de 29,9%, reforçando a existência de uma assimetria potencialmente favorável, embora dependente da evolução dos fundamentos e das condições macroeconômicas.

O resultado do terceiro trimestre de 2026, divulgado em 22 de outubro, apresentou lucro líquido recorrente de R$ 7,1 bilhões, crescimento de 14,6% na comparação anual, com receitas totais de R$ 38 bilhões e margem financeira de R$ 21,3 bilhões, avanço de 14,2% em relação ao mesmo período de 2025. O retorno recorrente sobre o patrimônio líquido médio (ROAE) alcançou 15,6%, comparativamente aos 14,7% registrados um ano antes, evidenciando a continuidade da recuperação operacional, embora abaixo dos 16,2% observados no trimestre anterior. A melhora do índice de eficiência, sustentada pelo controle das despesas e pela expansão das receitas, representa um dos principais fundamentos da nossa expectativa construtiva para o banco. Entretanto, a inadimplência acima de 90 dias avançou para 4,6%, enquanto as despesas com provisões para perdas de crédito alcançaram R$ 10,6 bilhões, crescimento de 24,3% na comparação anual, evidenciando os desafios impostos pelo ambiente de juros elevados e pela deterioração da capacidade de pagamento de determinados segmentos de clientes. O resultado também demonstrou resiliência da operação de seguros, embora a evolução das receitas ajustadas ao risco ainda exija acompanhamento.

Para os próximos trimestres, esperamos que a continuidade dos investimentos em eficiência operacional, digitalização, revisão dos processos de concessão de crédito e otimização da estrutura de custos contribua para uma recuperação gradual da rentabilidade, mesmo diante de um ambiente econômico mais restritivo. Reconhecemos que o Bradesco apresenta indicadores de retorno inferiores aos do Itaú e que a recente revisão das recomendações por importantes instituições financeiras reflete preocupações legítimas com a qualidade dos ativos e o ritmo de crescimento do crédito. Ainda assim, entendemos que a magnitude da correção recente, associada ao desconto patrimonial, à recuperação do lucro recorrente e à capacidade de geração de resultados de uma instituição financeira de elevada relevância sistêmica, oferece uma oportunidade de ampliação seletiva da exposição. Dessa forma, aumentamos nossa posição em BBDC4 buscando capturar uma eventual reprecificação do banco, preservando uma abordagem disciplinada de acompanhamento da inadimplência, das provisões e da evolução da rentabilidade ao longo dos próximos trimestres.



Indicadores que sustentam a avaliação

Fechamento em 30/10	Desempenho em outubro
R$ 13,86	-25,1%
P/L últimos 12 meses	Preço/valor patrimonial
5,6x	0,75x
Lucro recorrente 3T26	ROAE recorrente 3T26
R$ 7,1 bi	15,6%

Referências de preços-alvo

Instituição	Preço-alvo	Upside
JPMorgan	R$ 18,00	+29,9%
BTG Pactual	R$ 20,00	+44,3%

Potenciais calculados sobre R$ 13,86, sem proventos. Ambos os bancos apresentam recomendação neutra nas referências consultadas. O preço-alvo do JPMorgan corresponde a dezembro de 2027.

Comparativo com os principais bancos

Indicador	Bradesco	Itaú	Santander	BB
P/L	5,60x	9,11x	6,81x	7,66x
P/VP	0,75x	1,96x	0,70x	0,51x
ROE histórico	13,4%	21,5%	10,3%	6,6%

Referência de 30/10/2026. Indicadores históricos com datas-base contábeis potencialmente diferentes; o ROE histórico não deve ser confundido com o ROAE recorrente do trimestre.

BTG PACTUAL (BPAC11)

Iniciamos uma nova exposição ao BTG Pactual (BPAC11) na Carteira Mensal Capita de novembro, fundamentados na elevada rentabilidade da instituição, na diversificação de suas linhas de negócios e, principalmente, na oportunidade proporcionada pela expressiva correção de suas ações durante outubro. O banco consolidou sua posição entre as principais instituições financeiras da América Latina, apresentando atuação relevante nos segmentos de banco de investimento, gestão de recursos, administração patrimonial, crédito corporativo, operações de mercado e serviços bancários, características que proporcionam diferentes fontes de receitas e capacidade de adaptação aos ciclos econômicos. Após encerrar outubro cotadas a R$ 51,52, as units acumularam desvalorização de aproximadamente 19,6% no mês, passando a negociar cerca de 39% abaixo da máxima dos últimos 12 meses, movimento que tornou os preços de entrada relativamente mais atrativos, embora não elimine o prêmio de avaliação da companhia. Sob a ótica fundamentalista, o BTG apresenta relação preço/lucro próxima de 10,9 vezes e preço/valor patrimonial de aproximadamente 2,4 vezes, múltiplos superiores aos observados em bancos tradicionais como Bradesco, Santander Brasil e Banco do Brasil, refletindo principalmente sua elevada rentabilidade, o crescimento de suas operações e a maior participação de receitas provenientes de serviços financeiros e gestão de recursos. Em comparação com o Itaú Unibanco, o BTG também negocia com prêmio sobre o patrimônio, sustentado por um retorno sobre o capital próprio historicamente superior, embora apresente maior sensibilidade às condições de liquidez, à atividade do mercado de capitais e ao comportamento dos preços dos ativos financeiros. Considerando o preço-alvo de R$ 63,00 estabelecido pela XP Investimentos, identificamos potencial de valorização de aproximadamente 22,3% em relação ao fechamento de outubro, desconsiderando eventuais proventos, perspectiva que poderá ser ampliada ou reduzida conforme a evolução dos resultados e das condições macroeconômicas. O balanço do segundo trimestre de 2026 demonstrou a consistência operacional da instituição, com lucro líquido ajustado recorde de R$ 5,14 bilhões, crescimento de 22,6% na comparação anual, receitas totais de R$ 10,37 bilhões, avanço de 15,9%, e retorno ajustado sobre o patrimônio líquido médio (ROAE) de 26,7%, indicador que evidencia elevada eficiência na utilização do capital.

A carteira de crédito alcançou aproximadamente R$ 366,6 bilhões, crescimento de 24% em 12 meses, enquanto o volume de ativos sob gestão e administração patrimonial atingiu R$ 2,7 trilhões, expansão de aproximadamente 25% na comparação anual. O índice de eficiência ajustado recuou para 37,1%, demonstrando disciplina no controle das despesas diante da expansão das operações, enquanto o índice de Basileia de 16% reforçou a posição de capital da instituição. Para o terceiro trimestre de 2026, cuja divulgação permanece prevista para novembro, nossas expectativas estarão direcionadas à continuidade da expansão das receitas recorrentes, ao crescimento das operações de gestão patrimonial e crédito corporativo, à preservação de elevados indicadores de rentabilidade e à capacidade de geração de resultados em um ambiente de maior volatilidade dos mercados. A recente turbulência política e financeira brasileira também exige atenção aos segmentos de banco de investimento, operações estruturadas e negociação de ativos, cujos resultados podem apresentar maior oscilação diante da redução de emissões, mudanças nos fluxos de capitais e elevação dos prêmios de risco. Por outro lado, entendemos que a diversificação das linhas de receita, o avanço da captação de recursos e a expansão da base de clientes contribuem para maior resiliência operacional. Diferentemente do Bradesco, cuja tese de investimento está concentrada na recuperação gradual da rentabilidade e na redução do desconto patrimonial, o BTG Pactual representa uma exposição a uma instituição que já apresenta elevados níveis de retorno sobre o capital e perspectivas estruturais de crescimento. Assim, consideramos que a recente correção dos preços oferece uma oportunidade de abertura de posição em uma companhia de qualidade operacional reconhecida, combinando potencial de valorização, diversificação dentro do setor financeiro e participação em negócios relacionados ao desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro. A inclusão de BPAC11 complementa nossa exposição bancária e reforça a seletividade da Carteira Mensal Capita para novembro, mantendo atenção aos riscos de mercado, à qualidade do crédito e à sustentabilidade de seus indicadores de rentabilidade.



Indicadores de referência | BPAC11

Fechamento em 30/10	Desempenho em outubro
R$ 51,52	-19,6%
P/L histórico aproximado	P/VP aproximado
10,9x	2,4x
Lucro ajustado 2T26	ROAE ajustado 2T26
R$ 5,14 bi	26,7%

REFERÊNCIA DE VALORIZAÇÃO — XP INVESTIMENTOS

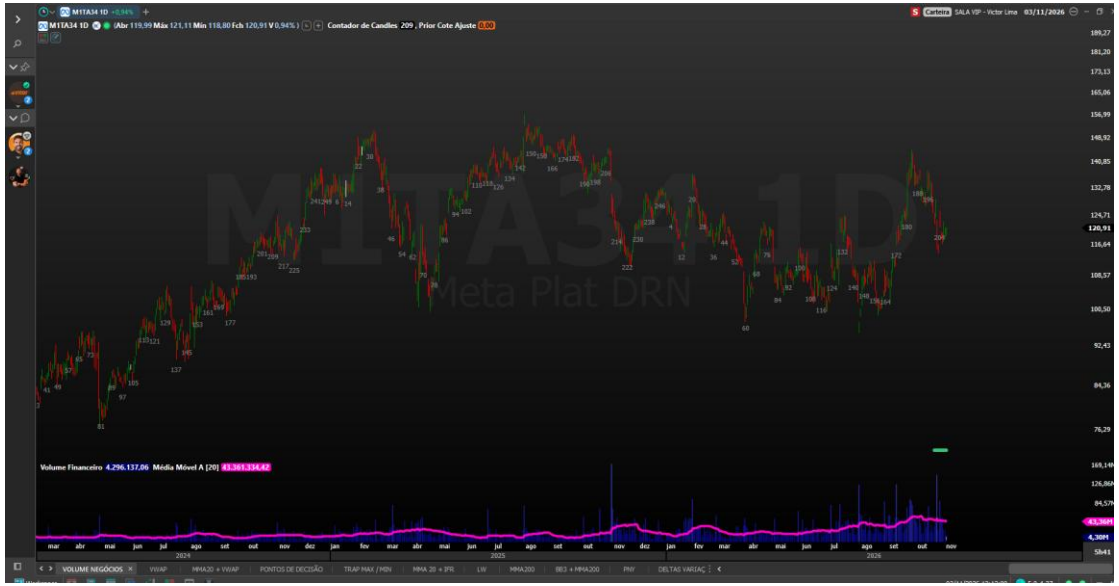
Preço-alvo	Upside estimado
R$ 63,00	+22,3%

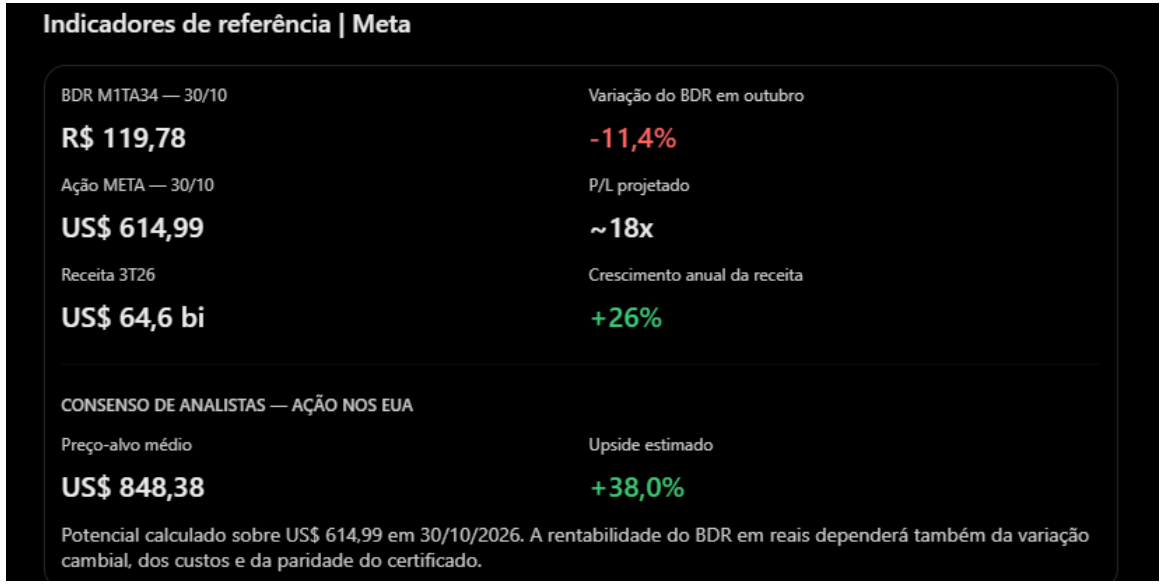
Projeção da XP em relação ao fechamento de 30/10/2026, sem considerar proventos. Indicadores históricos de valuation podem variar conforme a metodologia e a data-base adotadas.

META (M1TA34)

Iniciamos nossa exposição internacional na Carteira Mensal Capita de novembro com a Meta Platforms (M1TA34), buscando diversificar o portfólio para além do mercado brasileiro e incorporar uma das principais companhias globais de tecnologia, com elevada capacidade de geração de receitas, liderança em publicidade digital e oportunidades estruturais relacionadas ao desenvolvimento da inteligência artificial. Controladora de plataformas como Instagram, Facebook e WhatsApp, a Meta apresenta um modelo de negócios sustentado por uma base global de aproximadamente 3,64 bilhões de usuários ativos diariamente, elevada capacidade de monetização e investimentos contínuos em soluções de inteligência artificial aplicadas à publicidade, à recomendação de conteúdos e ao desenvolvimento de novos produtos. Após a correção observada em outubro, o BDR M1TA34 encerrou o mês cotado a R$ 119,78, acumulando desvalorização de aproximadamente 11,4% no período e negociando cerca de 17% abaixo da máxima dos últimos 12 meses. No mercado norte-americano, as ações META encerraram outubro próximas de US$ 615, apresentando uma relação preço/lucro de aproximadamente 21 vezes e múltiplo projetado próximo de 18 vezes, patamar que consideramos interessante diante do crescimento das receitas e da capacidade de geração de resultados da companhia, embora não represente um desconto uniforme em relação às demais empresas de tecnologia. Em comparação com a Microsoft, negociada a múltiplos projetados superiores a 22 vezes lucro, a Meta apresenta avaliação mais moderada, enquanto a Alphabet possui múltiplos mais próximos, refletindo diferenças na diversificação das operações e nas perspectivas de crescimento. O consenso de analistas estabelece preço-alvo médio de aproximadamente US$ 848 para os próximos 12 meses, indicando potencial de valorização próximo de 38% em relação ao fechamento de outubro, desconsiderando os efeitos cambiais e eventuais proventos. O resultado do terceiro trimestre de 2026, divulgado em 21 de outubro, reforçou a robustez comercial da companhia, com receita de US$ 64,6 bilhões, crescimento de 26% na comparação anual, impulsionado pela expansão de 10% nas impressões publicitárias e pelo aumento de 14% no preço médio dos anúncios. Entretanto, o lucro operacional recuou 37%, para aproximadamente US$ 13 bilhões, enquanto a margem operacional diminuiu de 40% para 20%, impactada principalmente pelo reconhecimento de uma despesa extraordinária de US$ 9,9 bilhões relacionada a processos judiciais. Desconsiderando esse efeito, o lucro operacional alcançaria aproximadamente US$ 22,9 bilhões, demonstrando maior resiliência da operação principal. A companhia encerrou o trimestre com US$ 82,5 bilhões em caixa, equivalentes e títulos negociáveis, mas registrou fluxo de caixa livre negativo de US$ 2,1 bilhões, reflexo sobretudo da aceleração dos investimentos em infraestrutura tecnológica, cuja projeção anual foi estabelecida entre US$ 135 bilhões e US$ 145 bilhões. Para o quarto trimestre, a administração estima receitas entre US$ 73 bilhões e US$ 76 bilhões, sinalizando continuidade do crescimento comercial, embora os elevados investimentos em inteligência artificial permaneçam como principal fator de atenção para a evolução das margens e da geração de caixa livre. Entendemos que o avanço da eficiência dos algoritmos publicitários, a crescente monetização de ferramentas de inteligência artificial e a expansão das soluções digitais representam importantes vetores de crescimento no médio e longo prazo. Por outro lado, reconhecemos os riscos associados à necessidade de investimentos expressivos, à concorrência tecnológica e às questões regulatórias. Nesse contexto, a inclusão da Meta contribui para a diversificação geográfica e cambial da Carteira Mensal Capita, reduzindo a concentração exclusiva no cenário econômico brasileiro e proporcionando exposição a uma companhia global de elevada escala, com perspectivas favoráveis de crescimento e potencial de valorização, preservando uma avaliação criteriosa dos riscos inerentes ao setor de tecnologia. Consideração estratégica: a Meta representa uma oportunidade de combinar crescimento internacional, exposição ao dólar e participação no desenvolvimento da inteligência artificial. O valuation projetado em torno de 18 vezes lucro é mais moderado que o de algumas grandes empresas de tecnologia, mas o volume expressivo de investimentos exige atenção.

O principal fator de risco é a capacidade da companhia de transformar seus investimentos em inteligência artificial em crescimento sustentável de lucros e fluxo de caixa livre. Portanto, sua inclusão fortalece a diversificação internacional, mas não deve ser interpretada como uma posição defensiva de baixa volatilidade.





ALPHABET (GOGL34)

Concluímos a composição da Carteira Mensal Capita de novembro com a abertura de uma nova posição na Alphabet (GOGL34), controladora do Google, buscando ampliar nossa diversificação internacional por meio de uma das principais companhias globais de tecnologia, com elevada geração de caixa, liderança em publicidade digital e perspectivas estruturais de crescimento relacionadas à inteligência artificial e à computação em nuvem. Após a expressiva correção registrada em outubro, o BDR GOGL34 encerrou o mês cotado a R$ 127,50, aproximadamente 25,3% abaixo da máxima dos últimos 12 meses, movimento que ampliou a atratividade de seus preços diante da evolução dos fundamentos operacionais. No mercado norte-americano, as ações GOOGL encerraram outubro cotadas a US$ 279,84, negociando a aproximadamente 17,9 vezes o lucro projetado e 10,6 vezes o EV/EBITDA histórico, múltiplos que consideramos interessantes diante da escala global, das margens operacionais e das oportunidades de expansão da companhia. Em comparação com importantes empresas de tecnologia, como Microsoft e Meta Platforms, a Alphabet apresenta uma combinação competitiva de crescimento, diversificação de receitas e avaliação fundamentalista, embora as diferenças entre seus modelos de negócios e a intensidade dos investimentos em infraestrutura exijam cautela na comparação direta dos múltiplos. Considerando o preço-alvo médio de aproximadamente US$ 403 estabelecido pelo consenso de analistas, identificamos um potencial de valorização próximo de 44% em relação ao fechamento de outubro, desconsiderando os efeitos cambiais e eventuais dividendos. O resultado do terceiro trimestre de 2026, divulgado em 28 de outubro, reforçou a capacidade de crescimento da companhia, com receita consolidada de US$ 127,6 bilhões, expansão de 25% na comparação anual, e lucro operacional de US$ 40,6 bilhões, avanço de 30%, acompanhado de margem operacional de 31,8%. O segmento Google Services, responsável pelas operações de publicidade, pesquisa, YouTube e demais serviços digitais, registrou receita de US$ 96,3 bilhões, crescimento de 11%, enquanto o Google Cloud apresentou desempenho particularmente expressivo, com receita de US$ 30,7 bilhões, expansão de 103% em relação ao mesmo trimestre de 2025, impulsionada pela demanda por infraestrutura de inteligência artificial, soluções corporativas e comercialização de sistemas de processamento TPU. A margem operacional do Google Cloud alcançou 36,2%, evidenciando ganhos relevantes de escala e rentabilidade. Apesar da evolução operacional, o lucro líquido atribuído aos acionistas totalizou US$ 26,2 bilhões, impactado negativamente por ajustes de avaliação de investimentos financeiros, demonstrando que resultados não operacionais também podem provocar volatilidade nos indicadores contábeis. Adicionalmente, a companhia registrou investimentos de capital de aproximadamente US$ 51,4 bilhões no trimestre, mantendo uma projeção de desembolsos entre US$ 195 bilhões e US$ 205 bilhões para o exercício de 2026, direcionados principalmente à expansão de data centers, servidores e infraestrutura necessária ao desenvolvimento de inteligência artificial. Esse volume expressivo de investimentos representa simultaneamente uma oportunidade estratégica e um fator de atenção, uma vez que a capacidade de monetização dessas iniciativas será determinante para a evolução das margens e da geração de caixa livre nos próximos exercícios. Para o médio e longo prazo, nossas expectativas permanecem construtivas, especialmente diante da integração do Gemini aos produtos da companhia, da expansão das soluções corporativas do Google Cloud e da continuidade da monetização de sua ampla base global de usuários.

Reconhecemos, contudo, os riscos associados à concorrência no segmento de inteligência artificial, às discussões regulatórias e antitruste, à intensidade dos investimentos e à necessidade de preservar a relevância comercial do mecanismo de buscas diante das transformações tecnológicas. Nesse contexto, entendemos que a abertura de posição na Alphabet oferece uma relação entre risco e retorno potencialmente favorável, combinando crescimento operacional, diversificação geográfica e exposição a receitas denominadas em dólares. Sua inclusão, ao lado da Meta Platforms, fortalece a participação internacional da Carteira Mensal Capita e encerra nossa seleção de novembro com uma exposição a companhias globais de elevada qualidade operacional, preservando a disciplina na avaliação dos preços e o acompanhamento contínuo dos riscos associados ao setor de tecnologia.







Powered by inter

Redes Sociais:

- Forum: @capitavictorglima
- Instagram: @victorglima
- Youtube: Investimentos do Inter
- Telegram: Sala VIP Capita 2026

Victor G. Lima (Capita) é fundador do grupo Capita, empresa voltada para educação e operações no mercado de capitais. Atua há mais de 10 anos no mercado financeiro, é analista certificado desde 2021 e especialista em renda variável, com foco na Bolsa de Valores, parceiro do Inter e desenvolve iniciativas que reforçam a presença da renda variável dentro da instituição, aproximando investidores e traders desse universo por meio de conteúdos, análises e experiências educativas.

Disclaimer:

Este relatório de análise foi elaborado pela Inter DTVM S.A. ("Inter") em conformidade com todas as exigências previstas na Resolução CVM 20/2021 e demais legislações aplicáveis, tendo como objetivo o fornecimento de informações macroeconômicas que possam auxiliar o investidor a tomar sua própria decisão de investimento, não constituindo qualquer tipo de oferta ou solicitação de compra e/ou venda de qualquer produto ou instrumento financeiro, tampouco participação em qualquer estratégia de negócios em qualquer jurisdição.

As informações, opiniões e estimativas contidas neste material foram obtidas de fontes consideradas confiáveis e este relatório foi preparado de maneira independente. Em que pese tenham sido tomadas todas as medidas razoáveis para assegurar a veracidade das informações aqui contidas, nenhuma garantia é firmada pela Inter ou pelos analistas responsáveis quanto à correção, precisão e integridade de tais informações, ou quanto ao fato de serem completas. As informações, opiniões, estimativas e projeções contidas neste documento referem-se à data em que o presente material foi disponibilizado e estão sujeitas a mudanças sem aviso prévio, não implicando necessariamente na obrigação de qualquer comunicação, atualização ou revisão do presente material.

Este material considera a classificação de risco dos produtos, sendo que os produtos apresentados podem não ser adequados para todos os tipos de cliente. Antes de qualquer decisão de investimento, os clientes deverão, por sua própria iniciativa, realizar o processo de suitability e confirmar se os produtos são indicados para o seu perfil de investidor. Este material não sugere qualquer alteração de carteira, mas somente orientação sobre produtos adequados a determinado perfil de investidor.

Os analistas da Inter DTVM estão obrigados ao cumprimento de todas as regras previstas no Código de Conduta da APIMEC para o Analista de Valores Mobiliários, na Política de Conduta dos Analistas de Valores Mobiliários da Inter DTVM, bem como à toda a legislação aplicável no momento da elaboração do material.

O analista responsável por este relatório declara que as recomendações e análises refletem única e exclusivamente as suas opiniões pessoais e que foram elaboradas de forma independente, inclusive em relação à Inter DTVM S.A., podendo divergir com a de outros analistas da Inter ou ainda com a opinião de seus acionistas, instituições controladas, coligadas e sob controle comum. A remuneração dos analistas é indiretamente influenciada pelas receitas provenientes dos negócios e operações financeiras realizadas pela Inter DTVM S.A.

Este material não leva em consideração os objetivos de investimento, a situação financeira e as necessidades específicas de qualquer investidor em particular. Antes de tomarem decisões com base no presente material, os potenciais investidores devem buscar orientação individual financeira, legal, contábil, econômica, de crédito e de mercado, considerando seus objetivos e características pessoais. A Inter não é responsável por eventuais perdas, danos ou lucros cessantes que decorram do uso dos dados aqui divulgados.

A rentabilidade de produtos financeiros pode apresentar variações e seu preço ou valor pode aumentar ou diminuir num curto espaço de tempo. Os desempenhos anteriores não são necessariamente indicativos de resultados futuros. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. As informações presentes neste material são baseadas em simulações e os resultados reais poderão ser significativamente diferentes.

Ao acessar este material, você declara que está ciente e compreende os riscos decorrentes dos mercados aqui abordados e às leis em sua jurisdição referentes à aquisição e venda de produtos de serviço financeiro. Este material é destinado à circulação exclusiva para a rede de relacionamento da Inter DTVM S.A., podendo também ser divulgado no site da Inter. Fica proibida sua reprodução ou redistribuição para qualquer pessoa, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem o prévio consentimento expresso da Inter DTVM S.A.

Para dúvidas, reclamações ou sugestões, os clientes podem entrar em contato com o SAC da Inter DTVM pelo telefone 0800 940 0007 ou com a Ouvidoria pelo telefone 0800 940 7772, canal destinado aos clientes que não se sentirem satisfeitos com as soluções apresentadas pela empresa. O custo das operações e a política de cobrança estão disponíveis nas tabelas de custos operacionais no site da Inter: **[LINK]**.